

Vigilância do suicídio em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil: análise do processo de notificação nos anos de 2022 a 2024

Renan Lima Vieira¹, Mariana Luz Patez², Andréa Elizabeth Abreu Machado³, Aislán Diego de Assis

¹Graduando em Medicina. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35402-163, Ouro Preto/MG, Brasil

²Doutoranda em Educação. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35420-087, Mariana/MG, Brasil

³Assistente Social Prefeitura Municipal de Ouro Preto, Pós graduanda em Preceptoría no SUS pelo Hospital Sírío Libanês

⁴Docente no Mestrado profissional em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental e na Escola de Medicina. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: renan.vieira@aluno.ufop.edu.br

Submetido em: 01 nov. 2025. Aceito em: 27 jan. 2026

Resumo

O suicídio é um fenômeno complexo e multicausal, influenciado por fatores sociais, culturais, econômicos e psicológicos, exigindo uma análise abrangente para subsidiar políticas públicas eficazes. Em Ouro Preto, apesar do impacto das tentativas e mortes por suicídio, há escassez de estudos locais sobre o tema. Desde 2019, entretanto, desenvolve-se uma pesquisa-intervenção voltada à vigilância do suicídio e das lesões autoprovocadas, com construção coletiva das estratégias de enfrentamento no município. Este artigo apresenta os resultados da segunda fase desta pesquisa. Trata-se de um estudo documental e epidemiológico, baseado em dados agregados do SINAN e da Vigilância Epidemiológica de Ouro Preto, referentes ao período de 2022 a 2024. O objetivo foi analisar o processo de notificação das tentativas de suicídio e das autolesões no SUS e na comunidade. Os resultados apontam desafios, limitações e possibilidades de aprimoramento no registro das notificações. Observou-se aumento dos casos em 2024, com concentração das notificações de lesões autoprovocadas no bairro Bauxita. Destaca-se a dificuldade dos profissionais no preenchimento dos campos obrigatórios, contribuindo para subnotificações. O estudo reforça a relevância do tema no contexto local e a necessidade de aprofundar sua compreensão para orientar ações futuras de prevenção no município.

Palavras-chave: Suicídio, Tentativa de Suicídio, Autolesão não Suicida, Vigilância em Saúde Pública, Saúde Mental, Ouro Preto.

Abstract

Surveillance and prevention of suicide in Ouro Preto, Minas Gerais, Brazil: analysis of the reporting process from 2022 to 2024

Suicide is a multifaceted phenomenon influenced by social, cultural, economic, and psychological factors, requiring a broad analytical approach to inform effective public policies. In Ouro Preto, despite the significant impact of suicide attempts and deaths, local research on the topic remains limited. Since 2019, a research-intervention initiative has monitored suicide and self-inflicted injuries, emphasizing the collaborative

development of prevention strategies within the municipality. This article presents the findings from the second phase of this initiative. The study adopts a documentary and epidemiological design, using aggregated data from SINAN and the Municipal Epidemiological Surveillance System from 2022 to 2024. Its objective was to examine the reporting process of suicide attempts and self-harm within the public health system and the community. The findings reveal challenges, limitations, and opportunities to improve notification practices. An increase in reported cases was observed in 2024, with a notable concentration of self-inflicted injury reports in the Bauxita neighborhood. Additionally, difficulties faced by health professionals in completing mandatory reporting fields were identified, contributing to underreporting. Overall, the study highlights the local relevance of the issue and emphasizes the need for deeper understanding to support future prevention efforts in Ouro Preto.

Keywords: Suicide, Attempted Suicide, Non-suicidal Self-Injury, Public Health Surveillance, Mental Health, Ouro Preto.

Introdução

No Brasil, o suicídio representa um importante problema de saúde pública, determinado por fatores sociais, culturais e individuais interligados (Brasil, 2021). As taxas nacionais cresceram em média 3,7% ao ano entre 2011 e 2022, com destaque para o aumento entre jovens de 10 a 24 anos (Brasil, 2024). Em 2023, o SUS registrou 11.502 internações por lesões autoprovocadas, mais de 30 por dia, o que representa alta superior a 25% em relação a 2014 (Agência Brasil, 2024a). Esses dados evidenciam a influência de desigualdades sociais, barreiras de acesso, estigma e transtornos mentais, que criam vulnerabilidades específicas conforme idade, gênero, raça/etnia e território (Agência Brasil, 2024b).

Ouro Preto, município histórico de Minas Gerais com cerca de 75 mil habitantes, possui rede de saúde estruturada pelo SUS, mas enfrenta desafios específicos como doenças ligadas à mineração e às elevadas taxas de morbimortalidade (Jorge, 2019). Destaca-se ainda a persistência da taxa de suicídio, superior às médias estadual e nacional, relacionada a fatores históricos e territoriais (Vieira et al., 2025). Embora o suicídio seja evitável, sua prevenção depende de

diagnósticos adequados, acompanhamento em saúde mental e políticas eficazes, mas o município ainda apresenta escassez de estudos locais e fragilidades nas notificações obrigatórias desde 2019 (Assis; Prado, 2021).

As violências autoprovocadas englobam um amplo espectro de práticas e riscos, desde tentativas de suicídio à autolesões não suicidas (“non-suicidal self-injury”, NSSI), que se relacionam a motivações emocionais e a contextos sociais diversos. Essas práticas são complexas, frequentemente associadas à regulação emocional e expressão de sofrimento, além de refletirem traumas, abusos ou transtornos mentais, sem necessariamente indicar risco suicida imediato (Patez; Santos, 2022).

A intervenção neste fenômeno social requer abordagem multidimensional e compreensão subjetiva do ato, considerando fatores como repetição, gravidade, métodos, comorbidades e suporte social, o que resulta em uma análise que orienta políticas públicas voltadas à prevenção, acolhimento e tratamento adequado (Patez; Santos, 2022). Com base nesta premissa, em 2019, foi iniciada a primeira fase deste estudo, tendo como objetivo investigar de forma aprofundada a vigilância e a prevenção do suicídio, das tentativas de autoextermínio e das

lesões autoprovocadas em Ouro Preto, Minas Gerais, analisando fatores sociais, ambientais, psicológicos e epidemiológicos. Em sua primeira fase, realizou-se uma análise da evolução da mortalidade por suicídio e do perfil epidemiológico das tentativas e lesões autoprovocadas de 2000 a 2022, utilizando dados oficiais de sistemas de saúde (SIM, SINAN e SIH).

Os resultados mostraram que, na microrregião de Ouro Preto, Mariana e Itabirito, os suicídios são mais frequentes entre homens brancos de 20 a 59 anos, sendo o enforcamento o principal método aplicado; enquanto as lesões autoprovocadas tiveram maior ocorrência entre mulheres pardas de 15 a 29 anos, destacando-se a precipitação de locais elevados como meio mais utilizado (Vieira et al., 2025). A primeira fase revelou discrepâncias entre óbitos e tentativas de suicídio, sugerindo uma possível subnotificação, já que, segundo Botega (2022), as tentativas costumam ser até dez vezes mais frequentes que os suicídios. O levantamento também mostrou taxas superiores às estaduais, cuja predominância de suicídios tem ocorrido entre homens brancos de 20 a 59 anos, ao passo que as taxas de tentativas são mais comuns entre mulheres pardas de 15 a 29 anos, com picos em 2022. Os dados coletados e analisados nesta fase motivaram a demanda em se investigar tais ocorrências.

O objetivo desse artigo é apresentar os resultados da segunda fase do estudo de vigilância do suicídio e autolesões em Ouro Preto/MG, que buscou compreender o fluxo das notificações no SINAN, além de mapear e analisar a distribuição territorial das ocorrências registradas. Seus resultados estão apresentados em Figuras e Tabelas, de modo a analisar o número, distribuição e processo de notificação de tais registros realizados nos anos de 2022 a 2024.

Material e Métodos

A metodologia do estudo realizado foi estruturada em duas etapas principais: uma consistiu na revisão de literatura em torno da temática central e outra na análise descritiva das fichas de notificação de violências autoprovocadas no município de Ouro Preto, além da avaliação do processo de notificação conduzido pelo setor de Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde. A revisão bibliográfica foi realizada nas bases SciELO e Google Acadêmico, utilizando os descritores “notificações”, “lesão autoprovocada”, “lesão autoprovocada não suicida”, “violência externa” e “subnotificações”, com filtro temporal dos últimos cinco anos e foco em contextos socioculturais brasileiros e locais de Ouro Preto. Ao todo, foram analisadas 40 referências, das quais 10 foram selecionadas — seis artigos científicos, dois documentos oficiais, um boletim epidemiológico e um livro.

A etapa descritiva utilizou dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) referentes às notificações de tentativas de suicídio e violências autoprovocadas em Ouro Preto, entre 2022 e 2024. A análise buscou identificar tendências temporais, padrões demográficos, métodos mais frequentes, além de possíveis falhas nos registros. Também foram observados fatores de risco, como transtornos mentais e abuso de substâncias, bem como a eficácia das políticas públicas e intervenções de prevenção implementadas na região. Os dados obtidos diretamente com o setor de Vigilância Epidemiológica do município — devido à indisponibilidade no DATASUS — foram organizados em planilhas do Microsoft Excel e submetidos a estatísticas descritivas, com cálculo de frequências absolutas e relativas, possibilitando a construção de séries históricas e infográficos.

As notificações foram inicialmente classificadas entre lesões autoprovocadas e outras violências externas (agressão física, violência sexual etc.), em seguida, estratificadas por ano (2022–2024), sexo, raça/cor, faixa etária, método utilizado e bairro de ocorrência. Os resultados foram apresentados em Figuras e Tabelas, permitindo a análise comparativa e a visualização territorial dos casos. Para esse fim, utilizou-se o aplicativo “My Maps”, do Google, a fim de mapear espacialmente as notificações e de auxiliar na elaboração de estratégias e campanhas de prevenção.

Complementarmente, elaborou-se um fluxograma do processo de notificação, desde o primeiro atendimento até o registro final no SINAN, desenvolvido em parceria com a Vigilância Epidemiológica local (Vieira et al., 2025). Essa análise colaborativa permitiu identificar gargalos, causas das subnotificações e possíveis melhorias no fluxo de vigilância em nível municipal, regional e estadual. O estudo utilizou exclusivamente dados públicos fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, preservando todas as informações sensíveis. Por se tratar de pesquisa com dados secundários e sem identificação individual, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Resultados e Discussão

Os resultados coletados foram apresentados em Figuras e em Tabelas, sendo destacadas as variáveis demográficas e territoriais, enfatizando a distribuição dos mesmos ao longo da série histórica e nos territórios de Ouro Preto.

Uma primeira análise destes números já aponta um contexto sensível na região estudada. Percebe-se na mesma o índice expressivo de atos de violência física-sexual se comparado aos outros tipos de violências, como as lesões

autoprovocadas (Tabela 1), reflexo da realidade nacional atestada em estudos que analisaram o contexto sociodemográfico do Brasil (Dantas, 2023). No ano de 2022 e 2023, o número de notificações dos dois tipos de violência analisadas manteve-se próximo. Já em 2024, observa-se um aumento expressivo nas mesmas ocorrências, praticamente o dobro de registros do ano anterior, aspecto este que sugere a ocorrência de fatores específicos nesse período que merecem ser investigados.

Tabela 1. Totais e tipos de violências notificadas no período de 2022 a 2024 pelo SINAN nas UBS de Ouro Preto.

Tipo de violência/Ano	2022	2023	2024	Total
Violência física-sexual	74	78	114	266
Lesões autoprovocadas	38	37	63	138
Total	112	115	177	404

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Durante o desenvolvimento deste estudo, notou-se ainda que a maior ocorrência de fatos notificados como lesões autoprovocadas efetivou-se entre o público universitário. Em 2024, houve uma paralisação na Universidade de Ouro Preto, evento este que pode ter impactado a saúde mental dos estudantes dado o contexto de insegurança do momento, o que se configura como uma hipótese para o aumento das notificações registradas nesse período (Silva et al., 2019).

Após essa análise, procedeu-se ao exame das violências autoprovocadas por ano. Em 2022, os casos de autolesão não suicida ocorreram majoritariamente entre mulheres pardas, na faixa etária de 10 a 30 anos, com maior incidência nos bairros Cachoeira do Campo e Morro Santana, no município (Figura 1). Observando os meios utilizados, verificou-se que o envenenamento foi o mais frequente nesses casos, padrão que está em

consonância com a literatura, a qual aponta que, diferentemente da mortalidade por suicídio, na qual predomina o enforcamento, as tentativas de lesão autoprovocada apresentam maior

associação com o uso de substâncias tóxicas (Botega, 2022).

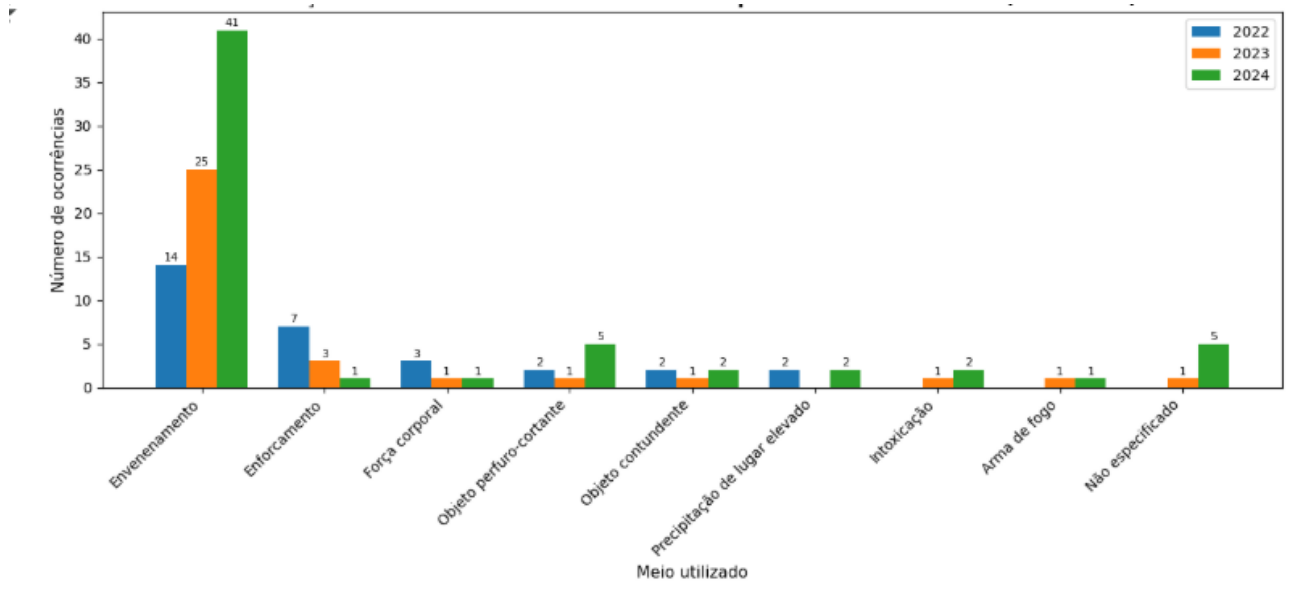


Figura 1. Evolução da quantidade dos meios utilizados das violências autoprovocadas notificadas pelo SINAN no período de 2022 a 2024 em Ouro Preto.

Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Neste estudo, os dados organizados no Figura 1 são extremamente relevantes, pois nos permitem visualizar a distribuição dos casos segundo os meios empregados, cuja classificação vincula-se ao momento de preenchimento da variável “meio utilizado” nas fichas de notificação. Analisando a categoria “envenenamento”, que apresenta maior incidência nos casos registrados, vale destacar um certo contraponto, já que, no campo “observações” das fichas, observou-se apontamentos descritivos registrados como “tentativa de suicídio pelo uso de medicamento”, o que tecnicamente corresponderia a intoxicação, e não a envenenamento. Entretanto, considerando que o campo “observações” nem sempre seja preenchido de forma padronizada em todos os registros, optou-se por manter a classificação originalmente atribuída na ficha para fins de

análise. Tal inconsistência aponta possíveis fragilidades no processo de notificação, relacionadas à distinção conceitual entre envenenamento e intoxicação (Cruz et al., 2019).

A Figura 1 evidencia ainda a diversidade de meios utilizados nas lesões autoprovocadas ao longo do período analisado, com predominância das categorias envenenamento e enforcamento, seguidos pela precipitação de lugares elevados. A coexistência desses métodos reforça a complexidade do fenômeno e indica padrões distintos conforme o perfil das vítimas (Agência Brasil, 2024a). Esses resultados dialogam com o que a literatura nacional aponta: há uma tendência predominante de enforcamento entre homens e de envenenamento, especialmente por auto-intoxicação, entre mulheres, evidenciando nuances subjetivas distintas no que tange às

diferenças de gênero, evidenciado na escolha dos meios utilizados (Botega, 2022; Lima; Navasconi, 2022; Brasil, 2021).

Outro aspecto intrigante na leitura dos dados é a presença de métodos combinados, como “envenenamento + precipitação” ou “objeto perfuro-cortante + envenenamento”, o que demonstra a complexidade do fenômeno, indicando não apenas impulsividade, mas também um planejamento mais elaborado em certos casos (Siqueira et al., 2024). O destaque para a precipitação de lugares elevados conecta-se ao histórico da microrregião de Ouro Preto, marcada pela “Curva do Vento”, já mencionada em análises epidemiológicas locais. O conjunto de tais dados articulados nesta análise reforçam a necessidade de políticas públicas de prevenção que considerem tanto o controle do acesso a meios letais quanto o fortalecimento de redes de apoio psicossocial (Lima; Navasconi, 2022; Fundação Oswaldo Cruz, 2024).

Cabe ressaltar ainda alguns elementos das análises procedidas especialmente no ano de 2023. Identificou-se que o perfil das lesões autoprovocadas manteve-se estável, com predominância entre mulheres pardas, sendo o envenenamento o principal meio utilizado. Observou-se, entretanto, uma maior concentração de casos na faixa etária entre 20 a 29 anos, correspondente a jovens adultos, bem como maior destaque do bairro Bauxita em relação aos demais bairros do município. Pode ser notada a continuidade do uso indistinto dos termos envenenamento e intoxicação. Em diversas notificações, o campo “meio utilizado” foi preenchido na categoria “envenenamento”, embora no campo “observações” constasse a descrição “uso de medicamentos para tentativa de suicídio”. Tal inconsistência evidencia a necessidade de qualificação dos profissionais que

realizam as notificações, uma vez que persiste a dificuldade na distinção conceitual entre esses termos (Cruz et al., 2019).

No que se refere aos meios utilizados em 2024 (Figura 1), o envenenamento manteve-se como principal meio empregado nas lesões autoprovocadas, corroborando a literatura que aponta o uso de substâncias como predominante nas tentativas de suicídio (Soares, 2024). Observa-se, ainda, uma redução dos casos de enforcamento em comparação a 2022 (Botega, 2022).

Em um segundo momento do estudo aqui apresentado, procedeu-se à análise da relação entre o perfil étnico/racial e as lesões autoprovocadas (Figura 2), observa-se nitidamente o predomínio de pessoas classificadas como pardas, estatística que converge com outros estudos epidemiológicos. Merece destaque a ausência de notificações de pretos e indígenas no período, fato que se mostra paradoxal, considerando que Ouro Preto figura entre os municípios brasileiros com maior proporção populacional de pessoas pretas. A exclusão de dados referentes a algumas minorias sociais é algo bastante perceptível no país e, no campo das violências autoprovocadas, resulta na invisibilização de grupos específicos, dificultando medidas preventivas (Lima; Navasconi, 2022).

A Figura 2 mostra que, em 2022, houve um predomínio expressivo de lesão autoprovocada notificada em pessoas pardas, em comparação à população branca. Essa discrepância reforça achados já discutidos na literatura, que apontam que o fenômeno do suicídio e das autolesões não se distribui de forma homogênea entre diferentes grupos sociais e raciais, sendo atravessado por determinantes estruturais, como desigualdade social, racismo estrutural e barreiras de acesso aos serviços de saúde (Siqueira et al., 2024;

Agência Brasil, 2024b). Esse cenário torna evidente a necessidade de recortes interseccionais nos estudos epidemiológicos já que a não diferenciação por cor/raça pode invisibilizar populações vulnerabilizadas (Lima; Navasconi, 2022).

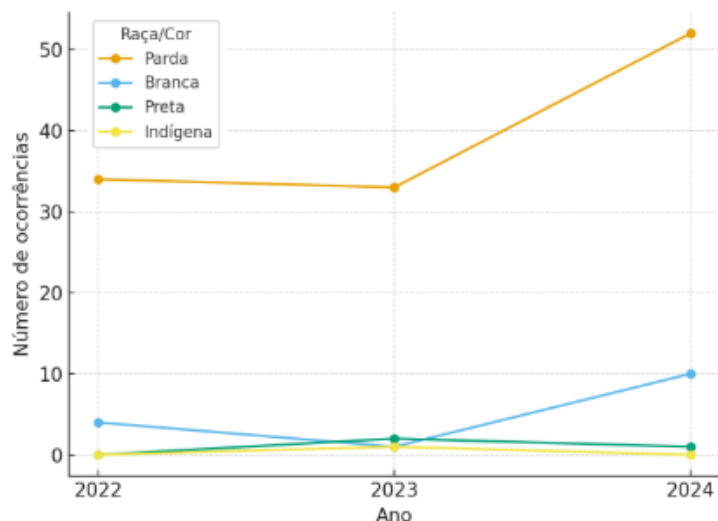


Figura 2. Relação raça/cor com as violências autoprovocadas notificadas pelo SINAN no intervalo de 2022 a 2024 em Ouro Preto.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Ademais, os dados de Ouro Preto dialogam com o contexto nacional. A literatura destaca a maior vulnerabilidade de grupos historicamente marginalizados, com destaque para jovens, mulheres pardas e negras, frequentemente afetados por condições socioeconômicas desfavoráveis e menor suporte institucional (Botega, 2022; Fundação Oswaldo Cruz, 2024). Entretanto, observa-se que, mesmo com notificações compulsórias, persistem lacunas na coleta de informações sobre raça/cor, o que pode significar subnotificação ou registros inconsistentes no SINAN (Cruz et al., 2019). Assim, compreender a relação entre perfil étnico/racial e violência autoprovocada é fundamental para a formulação de políticas de saúde que considerem as desigualdades

estruturais e promovam estratégias de prevenção culturalmente sensíveis.

Ainda na perspectiva de análise pela raça/cor das notificações do ano de 2023 (Figura 2), os pardos continuaram a ser o grupo mais notificado quando relacionado com outros estudos epidemiológicos nacionais que chegaram à mesma conclusão. É mister destacar ter ocorrido nesse ano a notificação de pretos e indígenas, além de pardos e brancos.

Analizando o ano de 2024 (Figura 2), os pardos continuam como principal grupo afetado, seguidos por brancos e pretos. Ao contrário de 2023, não foi notificada nenhuma lesão autoprovocada por indígena. Comparada a 2023, houve um aumento total do número de notificações de pardos, brancos e pretos, indicando que os três grupos raciais foram afetados pelo aumento das lesões autoprovocadas. Durante todo o período analisado, de 2022 a 2024, os pardos predominaram como o principal grupo notificado, seguindo o padrão epidemiológico do Brasil das lesões autoprovocadas (Lima; Navasconi, 2022).

Na análise da categoria sexo (Figura 3), observou-se que o número de mulheres notificadas é quase o dobro de homens, o que é coerente com a literatura revisitada, a qual aponta que os casos de suicídio são mais marcados entre homens, ao passo que as tentativas de suicídio incidem com maior expressividade entre as mulheres, com destaque para métodos como envenenamento ou auto-intoxicação (Botega, 2022; Lima; Navasconi, 2022; Brasil, 2021). Estudos sugerem que esse padrão pode estar relacionado a fatores psicossociais; por exemplo, considera-se que a maior propensão das mulheres em procurarem serviços de saúde possa ser um fator que impulse a notificação dos casos de tentativas de suicídio, dado os acompanhamentos clínicos. Contudo, há de se considerar uma

abordagem mais ampla que ancore as diferentes formas de expressão do sofrimento mental entre os gêneros (Vieira et al., 2025).

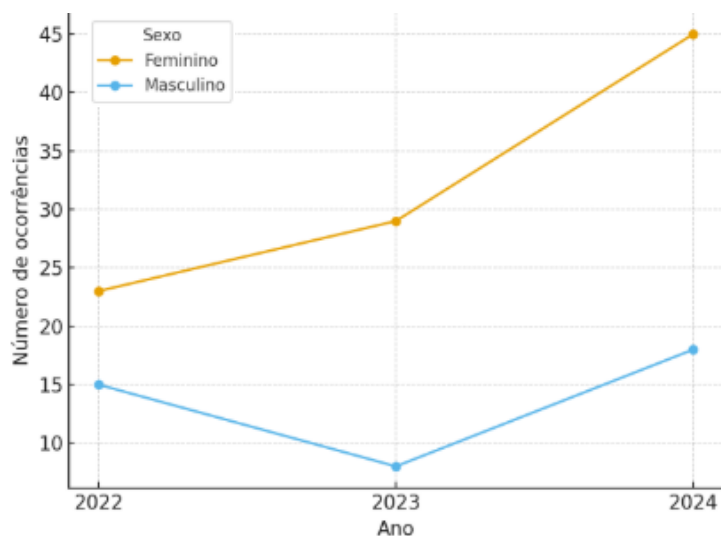


Figura 3. Relação sexo com as violências autoprovocadas notificadas pelo SINAN entre 2022 e 2024 em Ouro Preto -MG.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Por outro lado, a literatura destaca que os casos envolvendo homens, embora apareçam em menor número nas notificações, costumam apresentar maior letalidade nas tentativas de suicídio, uma vez que eles recorrem

frequentemente a meios violentos, como enforcamento ou precipitação de lugares elevados (Fundação Oswaldo Cruz, 2024; Agência Brasil, 2024a). Isso reforça a importância de se analisar não apenas os números absolutos de notificações, mas também outros elementos que atestem a gravidade dos métodos utilizados e os desfechos dos eventos. A análise de tais dados inter relacionados evidencia a necessidade de estratégias de prevenção diferenciadas para o segmento de sexo (Lima; Navasconi, 2022).

Seguindo a análise por sexo (Figura 3), percebe-se que, no ano de 2023, mantém-se o comportamento visualizado no ano anterior: os casos envolvendo mulheres apontaram como principal grupo de notificação por violência autoprovocada, o que também corresponde ao cenário nacional (Brasil, 2021). Outro aspecto notável é que, em 2023, o número total de mulheres notificadas por violência autoprovocada aumentou, enquanto o de homens diminuiu, fazendo com que o número de casos de lesões autoprovocadas por mulheres seja aproximadamente o triplo em relação aos homens.



Figura 4. Relação idade com as violências autoprovocadas notificadas pelo SINAN no período de 2022 a 2024 em Ouro Preto.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Ao analisar a distribuição por faixa etária (Figura 4), percebe-se que casos com notificações de lesões autoprovocadas ocorrem principalmente entre jovens adolescentes e adultos jovens (10-29 anos). É relevante reforçar que Ouro Preto é uma cidade universitária, e essa faixa etária coincide com a idade da grande parte dos alunos da Universidade Federal de Ouro Preto e no Instituto Federal de Minas Gerais, o que pode ser um fator importante a ser analisado e investigado sobre as lesões autoprovocadas no município. Estudos indicam que o fato de um jovem residir e estudar em um município distinto daquele de origem e distante do convívio familiar pode se constituir um fator de risco para a saúde mental de determinados indivíduos, especialmente no contexto acadêmico. Essa condição pode contribuir para o aumento da vulnerabilidade emocional, reforçando a hipótese de que as lesões autoprovocadas tendem a ocorrer com maior frequência entre estudantes e universitários (Lima; Navasconi, 2022).

No ano de 2023, ainda conforme o Figura 4, observa-se uma concentração mais acentuada de notificações implicando indivíduos de 20 a 29 anos, faixa etária que coincide fortemente com a idade da maior parte dos universitários. Esses dados fortalecem a tese de que essas notificações possam estar diretamente associadas aos estudantes universitários, leitura esta compartilhada com outros estudos realizados em cidades universitárias, os quais demonstram como a vulnerabilidade mental do universitário pode ser um fator de risco para o agravamento deste quadro de saúde pública (Silva et al., 2019).

Em 2024, verifica-se uma alteração na distribuição etária das notificações (Figura 4), com deslocamento da concentração para a faixa etária de 20 a 39 anos. Contudo, vale ressaltar que esta faixa etária ainda encobre a idade de adultos

jovens, normalmente, a maioria universitários, fortalecendo ainda mais a possibilidade de que a maioria dos casos notificados possam indicar os estudantes universitários como grupo vulnerável (Lima; Navasconi, 2022).

Mapa das notificações das violências autoprovocadas no território de Ouro Preto em 2024

Com o objetivo de dar visibilidade à distribuição territorial das lesões autoprovocadas notificadas em 2024, ano em que se constatou a maior discrepância de notificações desse tipo de violência externa entre os bairros do município, foram elaborados, por meio do aplicativo “My Maps” dois mapas que ilustram os dados coletados. Primeiramente, foi feito um mapa (Figura 5) da área central de Ouro Preto e de seus distritos e nele foram inseridos círculos com proporções referentes ao número de notificações no local; quanto maior o círculo, mais notificações foram registradas no território, assim como consta na legenda da Figura 5. Em seguida, foi elaborado um segundo mapa (Figura 6), com ampliação da área central do município, evidenciando a distribuição das notificações nesta região, seguindo o mesmo parâmetro dos círculos, já mencionado.

Em um primeiro momento, a partir das notificações do ano de 2024, foi feita uma comparação entre a região central de Ouro Preto e os seus distritos, a partir da qual percebeu-se que os casos notificados de lesões autoprovocadas concentram-se na cidade, enquanto que as notificações nos distritos são menores. Uma hipótese para este aspecto seria a própria proporção demográfica dos territórios, dado que a região-sede do território possui uma população maior que seus distritos, o que poderia explicar a diferença do número de notificações.

Soma-se a isso o fato de que as estruturas da Ufop estejam situadas neste município e, portanto, onde residem a maioria dos estudantes, considerando

ser a principal faixa etária notificada por violência autoprovocada já analisada neste estudo.

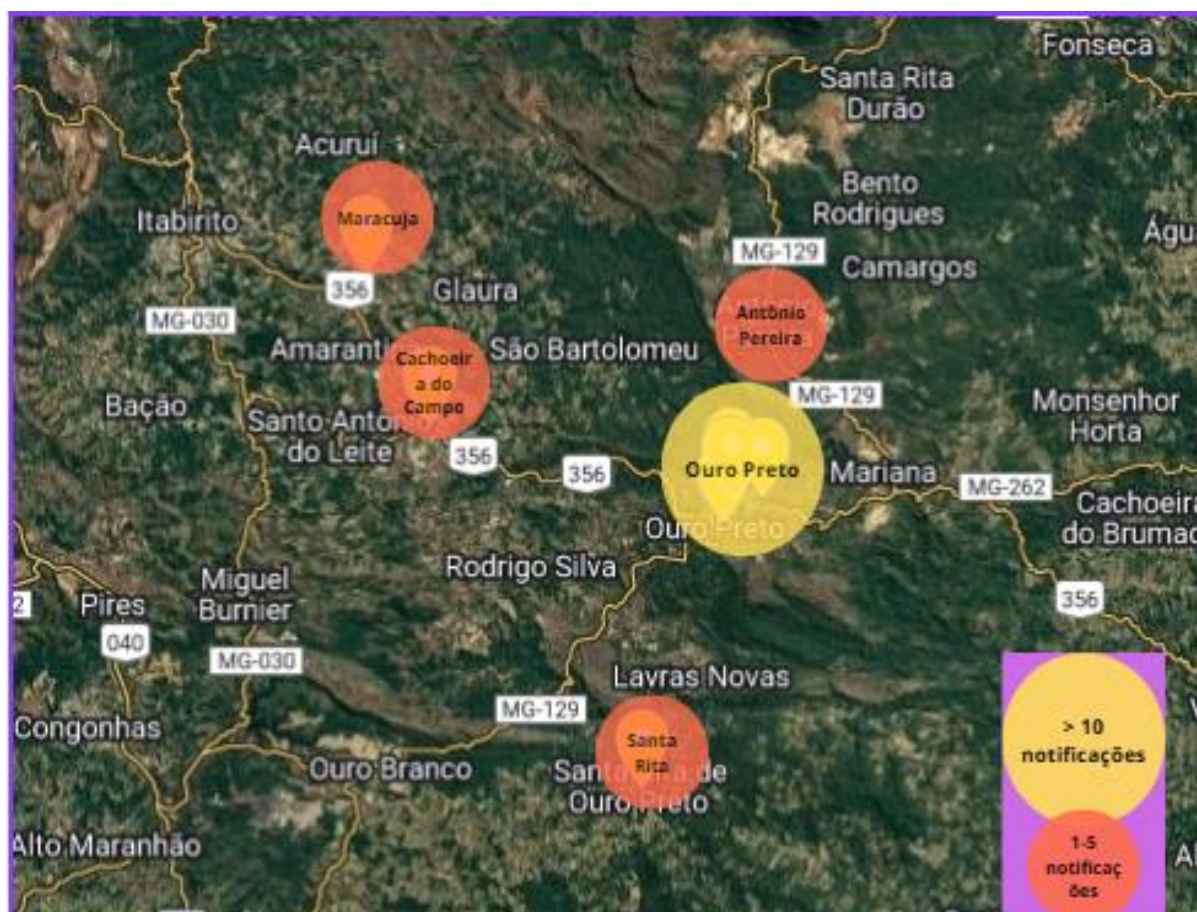


Figura 5. Distribuição das notificações das violências autoprovocadas no território de Ouro Preto pelos distritos em 2024.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Nas análises deste estudo, torna-se relevante destacar que, em Ouro Preto, distrito sede, no ano de 2024 (Figura 6), os casos notificados concentram-se na Bauxita e em bairros próximos a ela. Este elemento sociogeográfico reforça a complexidade do suicídio em realidades acadêmicas: Bauxita é o bairro no qual está localizada a Universidade Federal de Ouro Preto e o Instituto Federal de Minas Gerais, espaços que concentram a densidade populacional da faixa etária implicada majoritariamente nos casos de notificações por violências autoprovocadas (Lima;

Navasconi, 2022).

Fluxograma do processo de notificação das violências autoprovocadas em Ouro Preto

O fluxograma apresentado (Figura 7) descreve o processo preconizado de notificação das lesões autoprovocadas no município de Ouro Preto, envolvendo diferentes níveis de gestão da saúde, desde os serviços municipais até a Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde. Em cada etapa são destacados desafios

que comprometem a efetividade da vigilância e da qualidade das informações. Nos serviços municipais, há dificuldades relacionadas ao cumprimento de prazos, à baixa qualidade dos dados e à falta de capacitação dos profissionais notificadores. Essas fragilidades geram subnotificações, uma vez que muitos casos não

são identificados, registrados ou enviados adequadamente. Na vigilância epidemiológica municipal, a falta de profissionais e a sobrecarga de demandas agravam o problema, comprometendo a análise e o tratamento dos dados (Fonseca et al., 2022).



Figura 6. Distribuição das notificações das violências autoprovocadas dentro do distrito-sede do território de Ouro Preto em 2024.

Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Nas etapas subsequentes, que envolvem as Regionais de Saúde, a Vigilância Estadual e o Ministério da Saúde, observa-se um acúmulo de funções, a ausência de suporte técnico e o uso de sistemas obsoletos e lentos, fatores que dificultam a consolidação e a divulgação dos dados. A falta de capacitação continuada e de materiais didáticos adequados também limitam a atuação dos profissionais responsáveis pela vigilância. Essas falhas, em cadeia, resultam na subnotificação das

lesões autoprovocadas, invisibilizando parte significativa dos casos e prejudicando o planejamento de políticas públicas de prevenção (Fonseca et al., 2022). Assim, a deficiência estrutural e operacional em todas as fases do processo contribui para a perpetuação de um ciclo de subnotificação, dificultando a compreensão real da magnitude do problema em Ouro Preto.

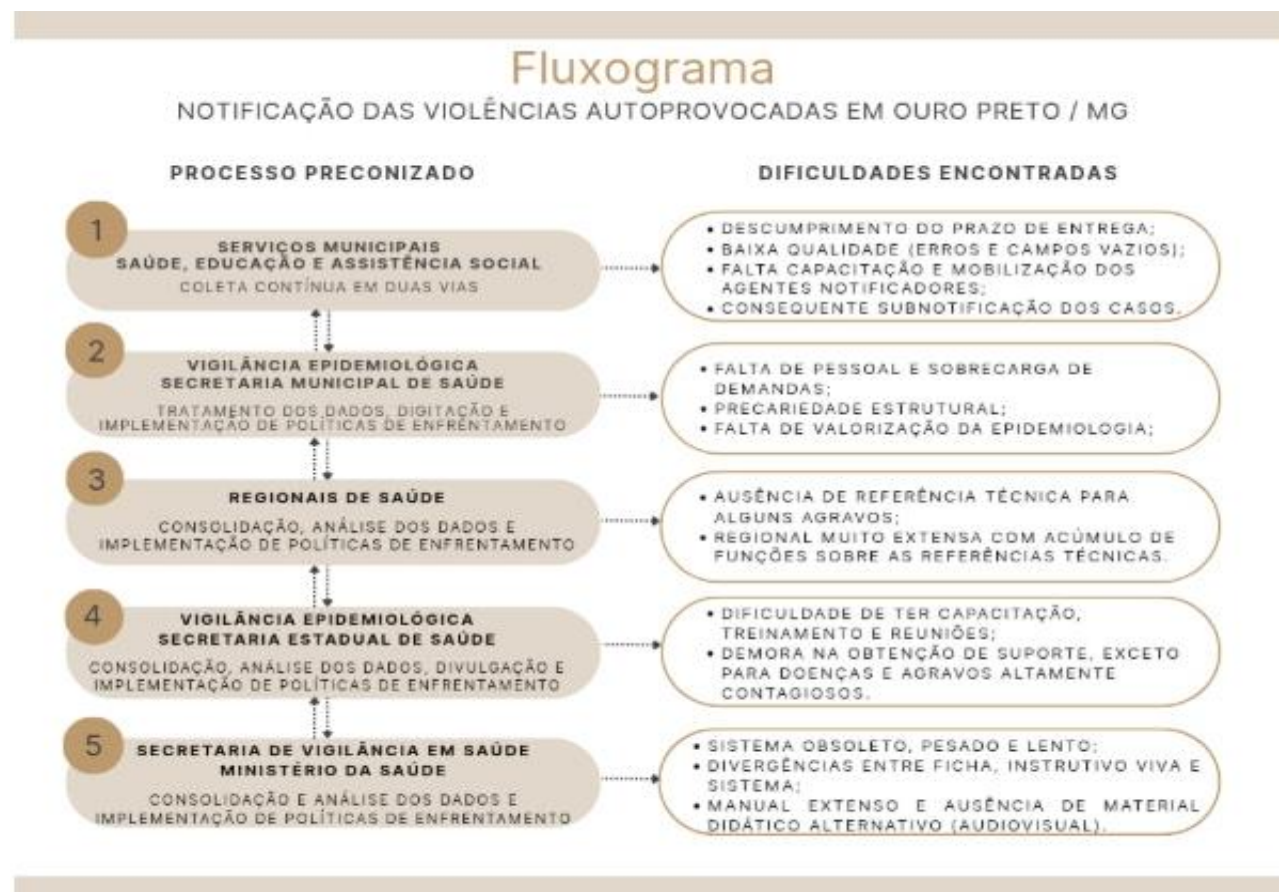


Figura 7. Fluxograma da notificação das violências autoprovocadas em Ouro Preto/MG.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Durante a reunião realizada no dia 30 de abril com a vigilância epidemiológica local para discutir sobre o processo de notificações no território, avaliou-se que as notificações de saúde pública apresentadas recorrentemente à Secretaria de Saúde são: dengue, seguidas de violência física e sexual, sendo inexpressivas as notificações de violência autoprovocada. Espera-se que tais dados estejam sendo sistematizados para que então sejam apresentados para toda rede, a fim de se promover a sensibilização dos profissionais em torno dos temas sociais apontados, especialmente no âmbito da saúde, segundo relato da profissional local. A partir das questões levantadas durante a reunião, foi possível rever o fluxograma, problematizando cada esfera do serviço público, preconizando os protocolos oficiais e seu caráter pragmático diante da realidade atual. No âmbito

local, observou-se que as unidades notificadoras, em sua grande maioria, não cumprem com o prazo de entrega estabelecido em 24 horas, violando a orientação enquanto notificação compulsória.

Outro aspecto essencial compartilhado na reunião dizia respeito à qualidade dos formulários elaborados. Foi narrado que muitas fichas chegam à sede da vigilância apresentando campos relevantes sem os devidos preenchimentos, “em brancos”, ainda que sejam apontados como dados obrigatórios; inclusive, muitas fichas apresentam erros de preenchimentos, letras ilegíveis ou informações equivocadas e contradizentes. Nesses casos, a equipe da Vigilância faz buscas pelos dados faltosos no Sistema PEC SUS (Prontuário Eletrônico do Cidadão do Sistema e-SUS) ou remetem contrarrefêrencias às unidades notificadoras a fim de sanar a lacuna identificada.

Como foi relatado em reunião, a resolução das pendências não se efetiva em todos os casos, o que resulta em arquivamento da ficha, especialmente quando se trata de um dado obrigatório, entrave burocrático muito recorrente na região, como foi testemunhado. Tal contexto evidencia a urgência de processos educativos de capacitação e mobilização dos servidores públicos municipais de diferentes segmentos, a fim de se atuar sobre o desafio de análise interposto pela subnotificação e pela baixa qualidade dos dados. Esta mesma demanda por expansão de conhecimento na área que garanta o preenchimento adequado das fichas do SINAN foi destacada por outros estudos observados na revisão de literatura empreendida neste estudo (Sousa, et al. 2020).

Aspectos burocráticos como estes narrados determinam fortemente a profundidade do estudo epidemiológico das autolesões não suicidas, seu entendimento e seus impactos sobre a sociedade, além de influenciarem na própria visibilidade da necessidade de se avaliar a manifestação das violências externas nas minorias sociais, com vistas a políticas públicas de promoção de saúde. Essa abordagem reforça a relevância de se qualificar os profissionais envolvidos no fluxograma das notificações, evitando ao máximo a subnotificação (Vieira et al., 2025; Silva et al., 2019; Sousa et al., 2020).

Conclusão

Levando em consideração o conjunto de dados analisados nas duas etapas do estudo apresentado, conclui-se que as lesões autoprovocadas são uma problemática presente e persistente na cidade de Ouro Preto. Lamentavelmente, a partir da leitura das categorias e seus entrecruzamentos com os fatores estabelecidos, principalmente no que tange

a dimensão das faixas etárias, avalia-se que as estatísticas apontam para um cenário sociocultural no qual os índices são alarmantemente crescentes.

Entre 2022 e 2023, os casos de lesões autoprovocadas mantiveram o mesmo perfil predominante, concentrando-se em ocorrências entre mulheres pardas, sendo o envenenamento o principal meio utilizado neste tipo de violência. Nesse período, observou-se maior ocorrência entre adultos jovens de 20 a 29 anos, com destaque para notificações mais concentradas no bairro Bauxita em relação aos demais, sem variação significativa no número total de casos.

Já em 2024, houve um aumento expressivo nas notificações, cujos índices alcançaram uma proporção instigante: praticamente dobram em relação ao ano anterior, embora mantendo-se o padrão de predominância observado nos anos anteriores. Destacam-se, contudo, o deslocamento da faixa etária mais afetada para 20 a 39 anos, com maior concentração entre 30 e 39 anos, e o crescimento desproporcional de casos no bairro Bauxita, que se destaca consideravelmente em comparação aos outros bairros.

Outro aspecto sensível diz respeito aos impactos de tais violências entre as mulheres no território de Ouro Preto. considerando os dados coletados, nota-se que há um predomínio de violência autoprovocada em mulheres pardas, na faixa etária de adultos jovens, como envenenamento e intoxicação como principais meios utilizados, cujos casos notificados se concentram na região central do território, nos bairros Bauxita, Antônio Dias e Morro Santana. Isso reforça a fulcral necessidade de ações de intervenção nessas localidades, dado o constante aumento de notificações no território, tendo em vista também políticas de prevenção, uma vez que

os desfechos mais letais eclodem no suicídio. Outra análise conclusiva contunde no estudo foi a perceptível relação entre as violências autoprovocadas e o contexto universitário, reforçando assim a necessidade de pesquisas no âmbito da saúde mental dos estudantes em Ouro Preto.

Ademais, foi atestada também a importância da qualificação dos profissionais envolvidos no processo geral das notificações, especialmente na etapa de preenchimento da ficha do SINAN. A exemplo do desafio que se apresenta à análise deste estudo das categorias notadas como “uso de medicamento para suicídio” ou “envenenamento” para o meio utilizado; assim, a compreensão efetiva do devido registro favorece conclusões mais elucidativas para o fenômeno pesquisado. Essa problemática configurou-se inclusive como uma das principais dificuldades metodológicas nesta pesquisa, dado que provavelmente houve um valor subestimado do número de notificações de lesão autoprovocada por intoxicação e um número superestimado de notificações de lesão autoprovocada por envenenamento.

De modo geral, a pesquisa mostrou a relevância do tema para o território bem como a necessidade de se compreender os desdobramentos desse fenômeno em Ouro Preto para que futuros projetos e intenções possam concretizar políticas de prevenção das lesões autoprovocadas no município.

Agradecimentos

A Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP.

A Fundação Gorceix e ao projeto de extensão CIA da Gente: arte, saúde e educação

A Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG.

As Técnicas da Vigilância em Saúde da Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Ouro Preto - MG.

Registramos nosso agradecimento especial a Sara Helena Quintino pelo rigor acadêmico ímpar com que realizou a revisão deste trabalho e pelas valiosas contribuições, compartilhadas de forma tão generosa.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil tem mais de 30 internações ao dia por tentativa de suicídio.** Brasília, 10 set. 2024a. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-09/brasil-tem-mais-de-30-internacoes-ao-dia-por-tentativa-de-suicidio>. Acesso em: 2 out. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. **Fiocruz alerta para aumento da taxa de suicídio entre criança e jovem.** Brasília, 27 fev. 2024b. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-02/fiocruz-alerta-para-aumento-da-taxa-de-suicidio-entre-crianca-e-jovem>. Acesso em: 2 out. 2025.

ASSIS, A.; PRADO, Isabel. A grande roda da saúde coletiva: cuidado, acolhimento e saúde mental em Ouro Preto / MG. **Além dos Muros da Universidade**, v. 6, p. 23-43, 2021.

BOTEGA, Neury José. **Crise Suicida.** [S.I.]: Artmed Editora, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: Panorama dos suicídios e autolesão não suicida no Brasil de 2010 a 2021.** Brasília, DF: Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil.** Brasília, DF: Secretaria de Vigilância em Saúde, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

CRUZ, N. P. S. da; SILVA, M. C. da; SANTOS, H. L.; OLIVEIRA, C. M. de. Preenchimento da ficha de notificação compulsória de violência interpessoal e autoprovocada: desafios enfrentados pelo profissional de Saúde. **Hum@nae**, v. 13, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/687/244>. Acesso em: 7 ago. 2025.

DANTAS, E. S. O. et al. Suicídio de mulheres no Brasil:

necessária discussão sob a perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, p. 1469–1477, 12 maio 2023.

FONSECA, A. C. S. et al. Caracterização dos casos notificados de violência autoprovocada no Brasil entre 2009 e 2021. **PePSIC**, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2177-093X2022000300131&script=sci_arttext. Acesso em: 24 ago. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Aumento da taxa de suicídio entre crianças e jovens**. Salvador: Cidacs/Fiocruz Bahia; Harvard University, 2024. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(24\)00018-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(24)00018-8/fulltext). Acesso em: 9 set. 2025.

LIMA, L.; NAVASCONI, P. **(Re)pensando o suicídio**. [S.l.]: SciELO - EDUFBA, 2022.

MACHADO, N. et al. Subnotificação de violência contra as mulheres: uma análise de duas fontes de dados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 10, 1 jan. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mFrQ75wXPKNTVGt97yGFCRG/?lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

PATEZ, M.; BIS, L.; SANTOS, D. **Autolesão: mobilização do atendimento em rede e outras discussões**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/2064/Autoles%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 13 set. 2025.

SILVA, L. G. da et al. Saúde Mental na greve estudantil da UFMT em 2018: Notas sobre os impactos em estudantes mulheres. **REBEH**, v. 2, n. 5, 2019.

JORGE, E. Maciel. **Taxas de mortalidade por doenças crônicas e por causas externas na microrregião de saúde de Ouro Preto, Minas Gerais** [manuscrito]. 2019. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2523/1/MONOGRAFIA_TaxasMortalidadeDoen%c3%a7as.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

SIQUEIRA, V. R. et al. Tendências das notificações de violência autoprovocada em pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 10, p. e122131047195, 26 out. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/385360319_Tendencias_das_notificacoes_de_violencia_autoprovoada_em_pessoas_Lesbicas_Gays_Bissexuais_e_Transgeneros_LGBT_no_Brasil. Acesso em: 12 ago. 2025.

SOARES, G. **Suicídio por uso de remédios cresceu 2,6 vezes em 20 anos no Brasil**. Revista Pesquisa FAPESP, 2025. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/suicidio-por-uso-de-remedios-cresceu-26-vezes-em-20-anos-no-brasil/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SOUSA, C. M. S.; MASCARENHAS, M. D. M.; LIMA, P. V. C.; RODRIGUES, M. T. P. Incompletude do preenchimento das notificações compulsórias de

violência - Brasil, 2011-2014. **Cadernos de Saúde Coletiva**, 2020. Ahead of Print. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202028040139>. Acesso em: 12 ago. 2025.

VIEIRA, R. L.; PATEZ, M. L.; MACHADO, A. E. A.; ASSIS, A. D. de. Vigilância e prevenção do suicídio em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. **Além dos Muros da Universidade**, v. 10, n. 2, p. 168–184, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/7804/5994>. Acesso em: 3 ago. 2025.